

A CONCORDÂNCIA VERBAL NO PORTUGUÊS MAZAGANENSE: UMA ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA

Elzeny Monteiro Baía Cardoso¹
Celeste Maria da Rocha Ribeiro²

Resumo: Este trabalho investiga, sob a perspectiva sociolinguística, o fenômeno da concordância verbal no português falado na comunidade afrodescendente de Mazagão Velho-AP, analisando as ocorrências de aplicação e não aplicação da regra da concordância verbal com a P4 (quarta pessoa do discurso). Mazagão Velho é referência para o estado do Amapá devido à sua formação sócio-histórica, marcada pelo povoamento de negros escravizados e remanescentes quilombolas, sendo símbolo de cultura, devoção e tradição. A pesquisa tem caráter etnográfico, de abordagem quali-quantitativa e está sendo realizada sob a perspectiva do Modelo Variacionista Laboviano (Labov, 2008 [1972]); das teorias do contato linguístico sob o viés de Lucchesi (2012; 2015; 2015), Lucchesi, Baxter e Silva (2009), Mattos e Silva (2004), Mendonça (1983), Bonvini (2009), Petter (2009) Petter e Cunha (2015) e Naro e Scherre (2007); e ainda sobre o fenômeno investigado, consideramos Bagno (2012), Naro, Yacovenco e Naro (2018), Souza (2021) e Santos (2013). Este estudo traz a análise do referido fenômeno produzido por 16 falantes da comunidade, considerando as variáveis sociais “sexo, faixa etária, escolaridade e mobilidade social” e as variáveis linguísticas “realização do pronome sujeito, posição do pronome sujeito, tempo verbal, tipo de verbo, saliência fônica e paralelismo discursivo”. Os resultados apontam uma frequência de 80% de aplicação da regra de concordância verbal e 20% para a não aplicação da regra. Para a análise dos dados, consideramos o programa computacional *Goldvarb X* (Sankof, Tagliamonte e Smith, 2005), tido como apropriado para análise de fenômenos variáveis. Na rodada principal foram selecionadas somente três variáveis, uma linguística e duas sociais: tempo verbal, escolaridade e idade, revelando a atuação significativa de cada uma sobre os usos da concordância verbal na comunidade.

Palavras-chave: Sociolinguística; Concordância verbal; Português afro-brasileiro.

¹ Universidade Federal do Amapá (elzenycardoso@hotmail.com)

² Universidade Federal do Amapá (celribeiro042002@gmail.com)

The verbal agreement in Mazagan portuguese: a sociolinguistic approach

Abstract: This work investigates, from a sociolinguistic perspective, the phenomenon of verbal agreement in Portuguese spoken in the Afro-descendant community of Mazagão Velho-AP, analyzing the occurrences of application and non-application of the rule of verbal agreement with the first person plural. Mazagão Velho is a reference for the state of Amapá due to its socio-historical formation, marked by the settlement of enslaved black people and quilombola remnants, being a symbol of culture, devotion and tradition. The research has an ethnographic character, with a qualitative-quantitative approach and is being carried out from the perspective of the Labovian Variationist Model (Labov, 2008 [1972]); of theories of language contact under the perspective of Lucchesi (2012; 2015; 2015), Lucchesi, Baxter and Silva (2009), Mattos and Silva (2004), Mendonça (1933), Bonvini (2009), Petter (2009) Petter and Cunha (2015) and Naro and Scherre (2007). Furthermore, to assist in the description of the phenomenon investigated, we considered the direction of Bagno (2012), Naro, Yacovenko and Naro (2018), Souza (2021) and Santos (2013). This study analyzes the phenomenon produced by 16 speakers from the community, considering the social variables “gender, age group, education and social mobility” and the linguistic variables “realization of the subject pronoun, position of the subject pronoun, verbal tense, type of verb, phonic salience and discursive parallelism”. The results indicate a frequency of 80% of application of the verbal agreement rule and 20% of non-application of the rule. For data analysis, we considered the computer program Goldvarb X (Sankof, Tagliamonte and Smith, 2005), considered appropriate for analyzing variable phenomena. In the main round, only three variables were selected, one linguistic and two social: tense, education and age, revealing the significant impact of each on the uses of verbal agreement in the community.

Keywords: Sociolinguistics. Verbal agreement. Afro brazilian portuguese.

INTRODUÇÃO

Este trabalho busca evidenciar o fenômeno da concordância verbal (CV) no português falado na comunidade de Mazagão Velho - AP, especificamente na P4 (*nós vai, nós vamo, nós vamos*). Os dados aqui apresentados compreendem os resultados da pesquisa de dissertação de Mestrado em Letras, do Programa de

Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Amapá (PPGLET/UNIFAP).

A pesquisa que enfatizamos parte do viés do contato linguístico das línguas africanas com o português brasileiro, considerando os estudos de Mattoso (2016), Mussa (1991), Lucchesi (2012, 2015, 2015), Lucchesi, Baxter e Silva (2009), Mattos e Silva (2004), Mendonça (2012 [1933]), Bonvini (2009), Petter (2009), Petter e Cunha (2015) e Naro e Scherre (2007). Sobre o processo da concordância verbal, trazemos evidências de pesquisas realizadas no português brasileiro (PB) e em comunidades isoladas/remanescentes quilombolas apoiadas nos estudos de Bagno (2012), Naro, Yacovenco e Naro (2018), Souza (2021) e Santos (2013), enfatizando as ocorrências em verbos na P4.

O trabalho se apoia na Metodologia Variacionista Laboviana (2008 [1972]), em que são controladas variáveis linguísticas e variáveis sociais. A pesquisa tem caráter etnográfico com abordagem quali-quantitativa. Na análise, trazemos os resultados com base em entrevistas de 16 moradores da comunidade de Mazagão Velho – AP, as quais foram transcritas através da chave de transcrição fonética do Projeto Vertentes de Lucchesi (2002) e rodadas no programa computacional Goldvarb X (Sankof, Tagliamonte e Smith, 2005).

A análise apresentada conta com o apoio dos estudos discutidos na seção teórica deste trabalho com ênfase nos aspectos sócio-históricos, geográficos e socioculturais da comunidade investigada, com intuito de mostrar as possíveis evidências do fenômeno da CV na P4 sob a perspectiva do contato linguístico.

ORIGEM, CONTATO E VARIAÇÃO: UMA ABORDAGEM SOBRE A FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Com o surgimento da Sociolinguística a partir de 1960, correntes como o Estruturalismo e o Gerativismo³ passaram a ser questionadas. A fala, considerada por teóricos como Saussure (1986) e Chomsky (1957) como caos linguístico, era descartada de seus estudos. No Brasil, a teoria laboviana tornou-se significativamente positiva para que temas como o contato linguístico passassem a ser evidenciados.

Por ser um país majoritariamente monolíngue com 98% da população falante do português (Lucchesi, 2015), houve muitos entraves para que a homogeneidade da língua fosse questionada. Esse apagamento perdurou por

³ O estruturalismo entendia a língua como um sistema autônomo formado por signos que consideram somente suas relações internas. O Gerativismo, por sua vez, entende que a linguagem é uma capacidade inata (Bagno, 2012).

séculos no Brasil. Pesquisadores como Silva Neto (1951) e Elia (1970), segundo Lucchesi (2012), ainda acreditaram em uma criouliização do PB, mas finalizaram seus pensamentos afirmando que a influência dos aloglotas apenas acelerou as tendências naturais de mudanças da língua.

Naro e Scherre (2007) também embasam sua teoria acreditando que o desenvolvimento do PB já veio embutido no processo de deriva secular, questionando os princípios defendidos por Lucchesi (2012, 2015). Naro (2007) acredita

não existir influência gramatical específica de qualquer língua africana, ou de língua de qualquer outra proveniência não portuguesa, como também não existe nenhuma forma ou estrutura inteiramente nova criada por um processo geral de simplificação durante a fase da aquisição da língua (Naro, 2007, p. 182).

Sob o viés de Lucchesi (2015), o contato linguístico do português com línguas africanas não gerou a formação de crioulos. Evidências como o cenário de subjugação ao qual os negros foram submetidos, de vendas e trocas, maus tratos, as constantes mudanças, cruzamentos raciais, o uso de línguas francas e a imposição da língua alvo aos negros escravizados não permitiram que essas línguas se desenvolvessem. Vale destacar ainda que no Brasil 30% da população era formada por brancos europeus e para que crioulos se formassem, esse número deveria constar no máximo em 10%, como, por exemplo, ocorreu no crioulo do Caribe.

Para o autor, o contato linguístico aqui existente promoveu o surgimento de uma TLI (Transmissão linguística irregular), processo que hoje representa a diversidade linguística no PB, representado pelo português popular. Petter e Cunha (2015) confirmam a teoria de Lucchesi (2012, 2015a, 2015b) afirmando que:

Devemos lembrar que os africanos que para cá foram transferidos não trouxeram apenas sua força de trabalho, mas também transportaram suas culturas, das quais as línguas são uma expressão importante, embora pouco considerada nos estudos que investigam a contribuição ou a participação dos africanos na constituição da nacionalidade brasileira (Petter e Cunha, 2015, p. 221).

Nos estudos realizados, essa influência do contato linguístico do português com línguas africanas está para além do léxico, único aspecto enfatizado nos livros didáticos. Aspectos gramaticais também são passíveis de explicação para a variação linguística no PB, dentre eles os fonéticos/fonológicos (aférese, a apócope, a assimilação, o rotacismo) e os morfossintáticos (pronomes-sujeitos ocupando a posição de objetos, a função da preposição “em” indicando lugar e direção e a extensão do padrão silábico consoante mais vogal) (Mendonça, 2012 [1933]; Petter, 2009).

Hoje, a pesquisa que considera o contato linguístico como elemento importante na formação do PB ganhou força e tem sido objeto de estudo de pesquisadores como Lucchesi (2012, 2015), Mattos e Silva (2004), Bonvini (2009), Petter (2009), Petter e Cunha (2015) e outros, sobretudo em comunidades isoladas. 57,2% da população brasileira se considera negra, parda ou indígena, segundo dados do IBGE (2022), número esse superior aos que se autodeclararam brancos. Mussa (1991) enfatiza na tabela 1 que o Brasil nunca foi majoritariamente branco.

Tabela 1 – Demografia histórica do Brasil (séculos XVI-XIX)

	1538-1600	1601-1700	1701-1800	1801-1850	1851-1890
Africanos	20%	30%	20%	12%	2%
Negros brasileiros	–	20%	21%	19%	13%
Mulatos	–	10%	19%	34%	42%
Branco brasileiros	–	5%	10%	17%	24%
Europeus	30%	25%	22%	14%	17%
Índios integrados	50%	10%	8%	4%	2%

Fonte: Mussa (1991, p. 163).

Essas evidências mostram que o cenário sócio-histórico brasileiro sempre foi propício para que a diversidade linguística ocorresse por aqui. Sobre isso Mussa (1991) relata:

[...] o percentual de falantes banto foi sempre superior, e quase sempre maciçamente, em todo o período do tráfico. Isso nos possibilita entender de

forma bastante clara por que são precisamente os itens lexicais de origem banto os que se registram com mais anterioridade, com maior grau de integração morfológica e em maior número de campos semânticos no português do Brasil [...] a posição relativamente proeminente do grupo benwe-kwa (não banto) nos últimos séculos também implica o grande número de itens lexicais emprestados por essas línguas, embora não integrados e particularmente restritos aos campos semânticos ligados à atividade ritual (Mussa, 1991, p. 146).

Mattoso (2016) apresenta os ciclos do tráfico, mostrando as origens dos negros escravizados que para cá vieram juntamente com suas línguas. Em todos os ciclos (independente de chegarem ao fim), negros do grupo banto continuavam sendo desembarcados no Brasil.

Esse processo de transferência trouxe juntamente com essas pessoas, suas histórias, suas culturas, suas línguas. Sobre essas últimas, Bonvini (2009) e Petter e Cunha (2015) descrevem que duas vertentes de línguas se disseminaram no Brasil: a do grupo banto – existente em todos os ciclos do tráfico – a das línguas sudanesas, o iorubá – identificadas hoje como línguas de confinamento, reduzidas ao uso de línguas culturais e secretas. As línguas do grupo banto que melhor se dispersaram entre as regiões brasileiras foram o quinongo, o umbundo e o quimbundo, sendo esta última mais recorrente entre os negros escravizados, conforme os registros da gramática *Arte da língua de Angola*, de Pedro Dias (Petter e Cunha, 2015).

Nessa abordagem, mesmo não havendo registros que sustentem a interferência desse contato no PB, estudos realizados em países africanos com colonização portuguesa como Angola, Moçambique e São Tomé e Príncipe nos trazem certas semelhanças entre as gramáticas por eles usada com a que se instituiu no português popular do Brasil. A tabela 2 apresenta essas evidências ao mostrar a realização de verbos no crioulo de São Tomé:

Tabela 2: *Comparação entre o emprego da concordância verbal no forro de São Tomé (crioulo) com o português popular do Brasil*

Crioulo de São Tomé (forro)	Português popular do Brasil
n'sebê	Eu sei
bo sebê	Tu/você sabe
e sebê	Ele/ela sabe

nô sebê	Nós sabe/sabemo(s)
nâsse sebê	Vocês sabe(m)
inem sebê	Eles/elas sabe(m)

Fonte: Lucchesi (2012, p. 58).

Na tabela, é possível observar que na comparação entre o crioulo de São Tomé (forro) e o português popular do Brasil, os exemplos do forro apresentam morfema zero para a marcação de pessoa e número; já no português brasileiro é possível observar um quadro variacional entre o português padrão e o português popular. Desse último é que acreditamos haver proveniência do contato linguístico, tendo em vista as variedades irregulares nele existentes. Para Lucchesi (2012), essa forma inflexionável do verbo origina-se da língua lexificadora ou da terceira pessoa do singular. Sobre isso o autor esclarece:

[...] o amplo e profundo quadro de variação no uso das regras de concordância nominal e verbal que se observa hoje nas variedades rurais e populares do português brasileiro constitui o reflexo mais notável do processo de transmissão linguística irregular de tipo leve que afetou o português no Brasil em função de sua aquisição imperfeita por milhões de escravos africanos e índios aculturados e da socialização e nativização desse modelo defectivo de segunda língua nesses segmentos. E o grau de variação no emprego de tais mecanismos gramaticais pode ser tomado como um dos parâmetros para analisar a norma popular brasileira, distinguindo cada uma de suas variedades, em termos sócio-históricos. As variedades que hoje exibem um grau maior de variação são aquelas que historicamente foram afetadas mais diretamente pelo contato entre línguas (Lucchesi, 2012, p. 58).

Esse contato do português com línguas africanas no processo de formação do vernáculo brasileiro é de onde entendemos advir as diversas formas de uso da CV: *nós fomos*, *nós fomo*, *nós fumo*, *nós foi*. Bagno (2012) enfatiza que

Qualquer um de nós, de qualquer idade, de qualquer região do país, de qualquer nível de escolarização, de qualquer classe socioeconômica,

homem ou mulher, de qualquer etnia, vai reconhecer em um (ou mais de um) desses paradigmas a sua própria maneira de conjugar os verbos (Bagno, 2012, p. 539).

Em geral, podemos observar que a forma mais prestigiada está mais vinculada aos falantes de localidade urbana, aos que possuem uma maior escolaridade (Scherre, 1998); por outro lado, a forma popular é a mais presente entre os falantes de baixa ou pouca escolaridade (Scherre, 1998), assim como entre os moradores de periferias, comunidades rurais e/ou quilombolas. Esse cenário representa o que Lucchesi (2015) chama de polarização sociolinguística no Brasil:

O conceito de norma sociolinguística é aqui proposto para capturar o fato de que a oposição sociolinguística entre as classes sociais não se dá apenas em função da diferença no comportamento linguístico dos seus membros, mas igualmente em função da maneira pela qual esses membros avaliam os diversos usos da língua e de como as mudanças linguísticas se propagam em cada segmento social. Assim, a proposição de uma divisão axial entre uma norma culta, das classes mais altas, e uma norma popular, das classes mais baixas, assentaria teoricamente na consideração desses três parâmetros. Ainda dentro de uma visão social da língua, a estrutura sociolinguística deve ser vista sempre como resultante de uma rede de correlações que se estende da infraestrutura socioeconômica à superestrutura político-ideológica (Lucchesi, 2015, p. 34).

Essa dualidade persistente durante séculos no Brasil demonstra uma realidade que reflete apenas um dos problemas sociais aqui existentes, o preconceito linguístico, mas que se arrola por muitos outros ocasionados pela desigualdade social.

O processo de variação e mudança linguística no Brasil desenvolve-se por meio de mudanças de baixo para cima – quando percebemos que o falar popular influencia as camadas sociais mais escolarizadas, adentrando aos centros urbanos – ou quando há mudança de cima para baixo, em que o inverso acontece – à medida que a escolarização, o acesso aos meios de comunicação e outros fatores

de caráter urbano chegam às comunidades mais isoladas, o cenário linguístico também tendência a mudanças (Lucchesi, 2015).

O PROCESSO DE CONCORDÂNCIA VERBAL NA P4 DO PLURAL NO PB: UMA ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA

Na pesquisa sociolinguística brasileira há diversos estudos sobre a CV com a P4. Para evidenciarmos as variedades desse fenômeno, apresentamos uma síntese de alguns desses estudos realizados em comunidades urbanas e em comunidades rurais e/ou isoladas.

Para as comunidades isoladas selecionadas, destacamos as comunidades baianas – Sapé (Município de Valença, recôncavo baiano), Helvécia (Município de Nova Viçosa, sul), Barra e Bananal (Município de Rio de Contas, Chapada Diamantina e Cinzento (Município de Planalto, região do Semiárido) (Lucchesi, Baxter, Silva, 2009) – a comunidade Serra das viúvas, localizada em Água Branca, no interior de Alagoas (Souza, 2021) e a comunidade de Muquém (Santos, 2013), a qual é a única comunidade negra de Alagoas reconhecida como remanescente do quilombo dos Palmares.

Para as comunidades urbanas, trazemos trabalhos de Scherre, Yacovenco e Naro (2018) realizados nas comunidades da Baixada Cuiabana⁴ – MS e da capital do Espírito Santo, Vitória. A tabela 3 evidencia os resultados para a aplicação da regra de concordância verbal na P4 nessas comunidades.

Tabela 3: *Frequência de aplicação e não aplicação da regra de CV na P4 em comunidades afrodescendentes/quilombolas e urbanas*

Localidades no Brasil	Área urbana/rural ou periferia	Frequência de aplicação da regra	Frequência de não aplicação da regra
Comunidades baianas - BA (Lucchesi et al, 2009)	Comunidades afrodescendentes	18%	82%
Serra das Viúvas- AL (Souza, 2021)	Comunidade quilombola	28%	72%
Muquém - AL (Santos, 2013)	Comunidade quilombola	54%	46%
Baixada Cuiabana - MS (Scherre, Yacovenco e Naro, 2018)	Urbana	71,3%	28,7%

⁴ Os sujeitos envolvidos na pesquisa “são cuiabanos típicos, predominantemente de áreas urbanas” (Naro, Scherre, Yacovenco, 2018, grifo nosso).

Vitória - ES (Scherre, Yacovenço e Naro, 2018)	Urbana	96,2%	28,7%
--	--------	-------	-------

Fonte: Tabela elaborada pela autora (2023).

Como observamos na tabela 3, as comunidades em maior isolamento, tidas como afrodescendentes ou remanescentes quilombolas, apresentaram um menor índice de aplicação da regra de CV, com exceção da comunidade de Muquém - AL que empregou a regra em 54% das ocorrências. Por outro lado, as comunidades urbanas apresentaram um índice significativo para a realização da aplicação da regra (71% e 96%). Esses resultados reforçam o que Lucchesi (2012, 2015a) defende a respeito da polarização sociolinguística no Brasil, em que nas comunidades com maior isolamento é possível observar uma maior realização da forma não padrão da língua.

A seção seguinte traz uma breve contextualização do Distrito de Mazagão Velho (AP), considerando seus aspectos sócio-históricos, geográficos e socioculturais.

A COMUNIDADE PESQUISADA: DA ORIGEM AOS DIAS ATUAIS

O Distrito de Mazagão Velho localiza-se ao sul do estado do Amapá, situando-se a 70 km da capital, Macapá. Esse lugar é símbolo histórico e cultural para o estado, mantendo suas origens nas tradições afro-amazônicas. Comunidade que se autodeclara afrodescendente por sua descendência de escravizados. A figura 1 seguinte destaca a localização geográfica desse lugar.

Figura 1: *Localização geográfica de Mazagão Velho (AP)*



Fonte: GERCO/IEPA (2022).

O distrito de Mazagão Velho é de procedência marroquina, do Norte da África (1770), originando-se de Mazighan⁵. Nesse processo de transição, a família transplantada de Marrocos trouxe consigo negros escravizados, tomados como pagamento indenizatório, os quais seriam usados como mão de obra na Nova Mazagão (Vidal, 2008).

A formação étnico-racial dessa Nova Mazagão passou a compreender, mais tarde, o processo de miscigenação. Um lugar formado por negros escravizados, indígenas e portugueses. Essa composição heterogênea originou a diversidade sociocultural do lugar, reconhecido por suas festas populares como a Festa do Divino Espírito Santo, a Festa de São Gonçalo, a Festa do Santo Antônio e a mais importante delas, a Festa de São Tiago. Essas festas têm caráter religioso e são representadas pelas manifestações de base africana – o batuque e o marabaixo – eventos que se realizam por meio de tambores e caixas, respectivamente (Oliveira, 2015).

O isolamento desse lugar foi diminuído nos últimos anos com a pavimentação das estradas e a construção das pontes em concreto, visto que há alguns anos o acesso era restrito a vias marítimas, com travessia somente por meio de balsas. A chegada da energia elétrica e da tecnologia também contribuíram para a acessibilidade à comunidade.

⁵ Mazighan é o nome original dado ao lugar onde as famílias marroquinas vieram transplantadas. Com a vinda para esse novo local, decidiu-se por manter o nome, mas com um novo sufixo “Mazagão” (Vidal, 2008).

Mazagão possui poucas vias, umas pavimentadas por bloquetes e outras asfaltadas. O lugar também possui a igreja de Nossa Senhora de Assunção, a capela de São Tiago, escolas, posto de saúde, praça, balneário e campo de futebol. Há ainda propriedades privadas que ajudam na economia local: comércio e algumas pousadas.

A economia local gira em torno do funcionalismo público e da agricultura que fomentam o comércio, sobretudo com a venda de produtos para fora da comunidade. Mazagão Velho possui hoje em torno de 1200 habitantes residindo ali, conforme relatam líderes locais. É uma comunidade formada quase que exclusivamente por negros que marcaram suas origens para além da cultura lá desenvolvida.

METODOLOGIA

A base metodológica deste trabalho parte dos pressupostos da sociolinguística variacionista laboviana (2008 [1972]), a partir de uma pesquisa de campo de base quali-quantitativa, realizada com moradores do Distrito de Mazagão Velho - AP.

A coleta de dados realizou-se com moradores nascidos na comunidade ou que nela residem desde os 5 anos de idade. O perfil dos falantes inclui as variáveis sexo (homem/mulher), faixa etária (faixa 1: 35 a 50 anos, faixa 2: 60 anos em diante), escolaridade (Até o Ensino Fundamental e Ensino Médio) e mobilidade social (saem frequentemente da comunidade; nunca ou pouco saem), totalizando assim os 16 entrevistados. Na tabela seguinte, apresentamos a descrição desses grupos:

Tabela 4: *Perfil dos falantes de Mazagão Velho (AP)*

Número de informantes	Sexo	Idade	Escolaridade	Mobilidade
1	Masculino	35 a 50 anos	Ensino Fundamental	Pouco sai/nunca sai
2	Masculino	35 a 50 anos	Ensino Fundamental	Sai frequentemente
3	Masculino	35 a 50 anos	Ensino Médio	Pouco sai/nunca sai
4	Masculino	35 a 50 anos	Ensino Médio	Sai frequentemente

5	Masculino	60 anos em diante	Ensino Fundamental	Pouco sai/nunca sai
6	Masculino	60 anos em diante	Ensino Fundamental	Sai frequentemente
7	Masculino	60 anos em diante	Ensino Médio	Pouco sai/nunca sai
8	Masculino	60 anos em diante	Ensino Médio	Sai frequentemente
9	Feminino	35 a 50 anos	Ensino Fundamental	Pouco sai/nunca sai
10	Feminino	35 a 50 anos	Ensino Fundamental	Sai frequentemente
11	Feminino	35 a 50 anos	Ensino Médio	Pouco sai/nunca sai
12	Feminino	35 a 50 anos	Ensino Médio	Sai frequentemente
13	Feminino	60 anos em diante	Ensino Fundamental	Pouco sai/nunca sai
14	Feminino	60 anos em diante	Ensino Fundamental	Sai frequentemente
15	Feminino	60 anos em diante	Ensino Médio	Pouco sai/nunca sai
16	Feminino	60 anos em diante	Ensino Médio	Sai frequentemente

Fonte: tabela elaborada pela autora (2023).

As variáveis linguísticas consideradas foram “a realização do pronome sujeito, a posição do pronome sujeito, o tempo verbal, o tipo de verbo, a saliência fônica e o paralelismo discursivo” como possíveis fatores favorecedores da realização ou não do fenômeno da concordância verbal apoiados nos estudos de Lucchesi, Baxter e Silva (2009), Rúbio (2012), Santos (2013), Souza (2021) e Scherre, Yacovenco e Naro (2018).

Mediante o uso entrevistas realizadas com os moradores do distrito de Mazagão Velho, coletamos os dados por meio de questionário com roteiro de perguntas sobre temas cotidianos e culturais. A partir disso, realizamos a transcrição usando a chave de transcrição do Projeto Vertentes (Lucchesi, 2002), submetendo os dados ao programa computacional Goldvarb X (Sankof,

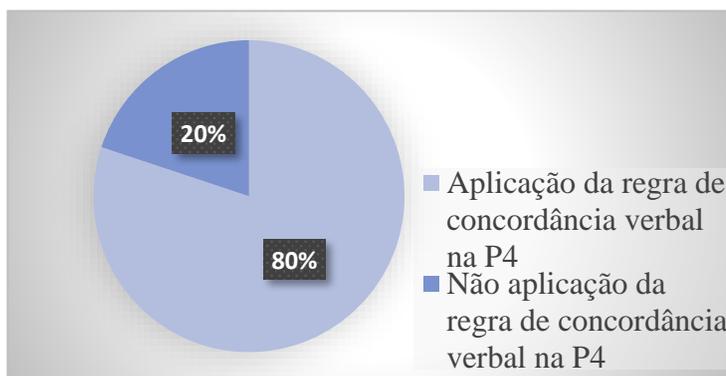
Tagliamonte e Smith, 2005), a fim de obter uma análise estatística adequada da amostra. Esses resultados serão evidenciados em tabelas e gráficos no tópico seguinte.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os dados relativos ao emprego da CV na P4 apresentaram 795 ocorrências, sendo 494 com a forma *a gente* como sujeito e 301 com o pronome *nós*. Assim, temos 62% de realização com a expressão *a gente*, confirmando os estudos de Rúbio (2012), o qual revela ser esta forma a mais utilizada no Brasil (80%). Sobre a concordância da forma *a gente*, essa se apresenta quase categórica com a marca de P3, com um percentual de 98,4% (forma padrão) nos dados analisados, como é possível observar no exemplo “*A gente é envolvida nas festa né*”.

A partir dessa abordagem, apresentamos os resultados sob a perspectiva das ocorrências em torno do pronome *nós*, foco deste estudo. Dessas ocorrências, analisamos a variável dependente concordância de ‘nós’ na P4 contendo duas variantes: i) aplicação da regra de CV (realização da marca morfêmica *-mos: nós fomos* e seus alomorfes *-mo, -emo, omo, -umo: nós fomos, nós fumo*) e não aplicação da regra da concordância verbal (realização com morfema \emptyset : *nós foi*). O gráfico 1 mostra esses resultados.

Gráfico 1: Frequência de uso geral da CV na P4 em Mazagão Velho (AP)



Fonte:Dados de pesquisa (2023)

Os valores percentuais no gráfico 1 apontam que a variante que denominamos de ‘aplicação da regra de concordância’ ocorre em 80% dos dados,

enquanto que a não aplicação ocorre em 20%. Vale ressaltar que dentre os resultados de aplicação da regra⁶, 32,6% compreende o uso irregular da concordância com os alomorfes (-*mo*, -*emo*, -*omo*, -*umo*) e 47,4% ao uso da forma padrão (-*mos*), o que nos permite inferir que as duas formas são concorrentes entre os falantes.

Em relação à variante padrão, a mais usada entre os falantes, podemos inferir que ela reflete o cenário atual da comunidade de Mazagão Velho, tendo em vista que a posição de isolamento total já não é a realidade do local, uma vez que observamos a urbanização, a escolarização e os meios de comunicação como a internet bem presentes no lugar. Nessa perspectiva, apresentamos o que Lucchesi (2015a) chama de mudança de cima para baixo, o que reflete uma mudança aquisicional influenciada pelo acesso contínuo de pessoas de fora e pelo avanço tecnológico nas residências locais.

Essa mudança aquisicional é confirmada ao compararmos esses resultados com os trazidos por Lucchesi, Baxter e Silva (2009) nas comunidades baianas, onde os dados coletados, que mostraram somente 20% de aplicação da CV entre os moradores, foram somente com pessoas não escolarizadas e de baixa escolaridade, o que demonstra que as irregularidades da língua estão mais evidentes entre estes níveis de ensino; já neste trabalho, por considerarmos dois níveis de instrução escolar (escolaridade baixa e ensino médio), percebemos a atuação do fator ensino médio como favorecedor na aplicação da regra nos falares mazaganenses, o que será apresentado a seguir.

Atuação das Variáveis Independentes⁷

Variáveis linguísticas

As variáveis linguísticas controladas para a investigação do fenômeno da CV no português mazaganense foram eleitas conforme estudos já realizados que mostraram a atuação relevante no condicionamento do fenômeno em estudo. Assim, destacamos as variáveis Realização do pronome sujeito, Posição do pronome sujeito, Tempo verbal, Tipo de verbo, Saliência fônica e Paralelismo discursivo. Porém, somente a variável Tempo Verbal foi considerada significativa neste estudo.

⁶ Entre os casos de aplicação da regra identificados nos 80%, realizamos uma análise específica entre a variante padrão (*nós vamos*) e as variantes não padrão (*nós fumo*, *nós fomo*). Dentre elas, encontramos o resultado 32,6% para a realização das variantes com os alomorfes e 47,4% para a forma padrão (-*mos*).

⁷ Vale ressaltar que a separação das variáveis aqui apresentadas ocorrem apenas em nível metodológico, justificando assim que as rodadas realizadas no Programa GoldVarb-X incluíram as variáveis sociais e linguísticas.

Tempo Verbal

Nessa variável foram considerados quatro fatores: *Presente do indicativo*, *Pretérito perfeito do indicativo*, *Pretérito imperfeito do indicativo* e *outras formas verbais*. Os verbos no *pretérito perfeito* mostraram-se categóricos e, portanto, descartados da análise. A atuação de cada fator pode ser observada na tabela 5:

Tabela 5: *Atuação do tempo verbal na aplicação da regra de CV na P4 em Mazagão Velho (AP)*

Tempo verbal	Nº de ocorrências	Frequência	Peso relativo
Presente do indicativo	129/146	88,4%	0.73
Pretérito imperfeito do indicativo	14/51	27,5%	0.10
Outras formas verbais	1/8	12,5%	0.01
Total	144/205	70,2%	0.81 (input)

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Conforme observado na Tabela 5, o fator *presente do indicativo* mostrou-se favorecedor para a aplicação da regra da CV com PR 0.73, enquanto que o fator *pretérito imperfeito do indicativo* desfavoreceu da aplicação da regra (PR 0.10). Os exemplos a seguir mostram essas ocorrências:

- (1) [...] então *nós saía* daqui cinco horas [...] (não aplicação da regra (\emptyset), pretérito imperfeito do indicativo).
- (2) [...] *nós* aqui *recebemos* pessoas até internacionais [...] (aplicação da regra *-mos*, presente do indicativo).
- (3) [...] eu vou fazer tudo pra *nós ir* [...] (não aplicação da regra (\emptyset), futuro do subjuntivo).

No exemplo (1) “*nós saía*”, a construção verbal conjuga-se no pretérito imperfeito do indicativo e não aplica a regra de concordância com a marca *-mos* (3PS, \emptyset), em oposição a “*nós saíamos*” (1PP, *-mos*); no exemplo (2): “*nós aqui recebemos...*”, a construção verbal conjuga-se no presente do indicativo. Nesse tipo de construção foi mais evidente o índice de aplicação da regra de CV com a marca morfológica *-mos*; já no exemplo (3), temos uma construção no futuro do subjuntivo “*...pra nós ir...*”, em que se observa a não aplicação dessa regra.

Esses resultados dialogam com os de Scherre, Yacovenço e Naro (2018) quanto à variável *tempo verbal*, em que observamos nas comunidades de Vitória e da Baixada Cuiabana, mostradas anteriormente, o pretérito imperfeito não favorecendo a aplicação da regra da CV, nessas comunidades. Esses resultados podem ser justificados devido aos verbos no pretérito imperfeito do indicativo realizados na P4 exigirem o uso da proparoxítona na forma padrão. Segundo os autores, “a baixa saliência (falava/falávamos) e a esquiva da proparoxítona com o morfema de plural *-mos* (falávamos), motivada pelo padrão fonológico preferencialmente paroxítono do português brasileiro, provocam a ausência de -mos” (Scherre, Yacovenço, Naro, 2018).

O presente do indicativo, por sua vez, bem como os verbos no pretérito perfeito possui, neste mesmo trabalho, semelhanças com nossos resultados, quanto à atuação na primeira pessoa do plural, em que a maior saliência (fala/falamos/falamos) e o padrão fonológico paroxítono podem justificar a maior aplicação da regra da concordância verbal.

Variáveis sociais

Dentre as variáveis sociais deste estudo, Sexo, Faixa Etária, Escolaridade e Mobilidade Social, somente a Escolaridade e a Faixa Etária mostraram-se relevantes.

Variável Escolaridade

Nessa variável, consideramos dois fatores: falantes com até o Ensino fundamental e falantes com o Ensino médio. A tabela 6 mostra o desempenho dessa variável:

Tabela 6: Atuação da variável *Escolaridade* na aplicação da regra de CV na P4 em Mazagão Velho (AP)

Variável Escolaridade	Nº de ocorrências	Frequência	Peso relativo
Escolaridade baixa (Até o fundamental)	81/129	43,1%	0,15
Ensino Médio	157/170	56,9%	0,78
Total	238/299	79,6%	0,81 (input)

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Os resultados evidenciados confirmam estudos com essa variável em que quanto maior a escolaridade do falante, mais se empregam as regras de concordância e quanto menor a escolaridade menos se faz uso dessas regras (Labov, 2008 [1972]). Nessa perspectiva, temos entre os mazaganenses uma atuação significativa entre os falantes com o Ensino Médio (0.78), favorecendo, assim, a aplicação da regra de concordância com a marca morfêmica -mos; enquanto que nos falantes com o Ensino Fundamental a atuação foi baixa (0.15). Esse resultado também se repete nas pesquisas aqui mencionadas, como as comunidades baianas (Lucchesi, Baxter e Silva, 2009), a comunidade de Muquém - AL (Santos, 2013), a comunidade de Serra das Viúvas (Souza, 2021) e as comunidades da Baixada Cuiabana – ES (Yacovenco, Naro e Scherre, 2018).

Variável faixa etária

Na variável faixa etária, consideramos na faixa 1, falantes entre 35 a 50 anos e na faixa 2, 60 anos em diante. Essa variável reflete o aspecto de inovação das variantes usadas na comunidade, em que os mais jovens tendem a ser mais inovadores, enquanto os mais velhos podem, muitas vezes, mostrarem-se mais conservadores, em certos usos. A tabela 7 apresenta os resultados obtidos.

Tabela 7: Atuação da variável Faixa Etária *na marcação da P4 entre os falantes mazaganenses (AP)*

Variável Idade	Nº de ocorrências	Frequência	Peso relativo
Faixa 1	59/79	74,7%	0.68
Faixa 2	179/220	81,4%	0.43
Total	238/299	79,6%	0.81 (input)

Fonte: dados de pesquisa (2023).

Na tabela 7 observamos que os jovens marcam menos em termos percentuais que os mais velhos, em contrapartida os resultados de PR mostram que os jovens tendem a ser mais atuantes na marcação, apontando tendência maior de aplicação da regra entre os falantes mais jovens cujo índice de frequência foi menor que entre os falantes mais velhos. Vale dizer que essa inversão está relacionada à disposição e ao quantitativo de dados, além da interferência de outra variável, pois no nível 1 da rodada do programa, momento em que os grupos de fatores são avaliados individualmente do ponto de vista estatístico, os pesos relativos para a variável idade foi de 0.42 para os da faixa etária 1 e 0.52 para os da segunda faixa de idade, refletindo, portanto, os percentuais

encontrados para cada um dos fatores, conforme tabela 7. Analisando o comportamento desse grupo nas rodadas geradas, observamos que a inversão de pesos relativos acontece, inicialmente, no nível 2, rodada 14, quando a variável tempo verbal foi selecionada, e, em seguida, no nível 3, rodada 21, quando se acrescenta a variável escolaridade.

Desse modo, pelo fato de a amostra não apresentar uma distribuição equilibrada de dados entre as células, conforme observamos na tabela 7, visto que tivemos somente 79 registros entre os mais jovens e 220 pelos mais velhos, ocorreu a inversão dos pesos relativos, sobretudo pela interferência da variável escolaridade. Nesse momento não temos como fazer nova rodada no Goldvarb sem essa variável, haja vista o tempo para entrega final desse texto, porém pretendemos ampliar a amostra para uma reanálise desses dados de maneira mais simétrica, em um estudo futuro. Assim, nesses resultados e considerando o peso relativo, percebemos que entre os falantes da 1ª faixa etária há uma tendência maior para a aplicação da regra da CV com a marca morfológica -mos, enquanto os da 2ª faixa etária aplicam menos a regra (com a marca -O), o que pode ter sido gerado pela influência da variável escolaridade, que estudos futuros poderão confirmar.

Essa análise nos permite perceber ainda que entre os falantes da 2ª faixa etária houve o maior uso da forma *nós* em detrimento da expressão *a gente* (os mais velhos usam em 73% a forma *nós* e 27% a forma *a gente*), enquanto que os mais jovens empregam mais o *a gente* (58%) e utilizam em cerca de 42% a forma *nós*, apontando, assim, uma tendência ao emprego da variante inovadora na comunidade; além de que esses também usam com maior frequência ‘*nós*’ com a marca morfológica -mos, como mencionamos anteriormente. Esses dados são compatíveis com os estudos realizados nas comunidades afro-baianas por Lucchesi (2009)⁸, em que a presença da forma *nós* está em maior número entre os mais velhos, atuando, assim, como mais conservadora, realizando-a, então, na concordância em 3PS. Esse panorama vai de encontro à hipótese da deriva secular, defendida por Naro e Scherre (2007), já citada no aporte teórico deste trabalho.

Os resultados aqui apresentados superam a hipótese trazida por esses pesquisadores, pois, se considerássemos uma deriva secular, os mais jovens, sendo os que mais inovam a língua, estariam apresentando maior probabilidade

⁸ Lucchesi (2009) traz resultados de sua pesquisa sobre o uso de *nós* e *a gente* em quatro comunidades baianas. Esses estudos evidenciam a forma *nós* mais presente entre os mais velhos com 0.76 de PR e 0.24 para o uso de *a gente*; já entre os mais jovens a forma *a gente* demonstrou um quadro de 0.74 de PR e a forma *nós*, 0.26.

de não aplicação da regra, conforme os resultados apresentados em PR, considerando que são eles os que mais usam a forma *a gente* e, portanto, seguiriam o que sugerem os autores quando dizem que formas como *nós vai* são oriundas de formas como *a gente vai*, mas, como visto, não é o que aqui ocorre. Destaca-se ainda Naro (2007) ao afirmar não ter encontrado

[...] na documentação portuguesa vista até o momento, menção do uso da desinência verbal da 3ª pessoa do singular em contexto da 1ª pessoa do plural em frases do tipo *nós vai*, onde a língua padrão do Brasil, bem como os dialetos portugueses, prefere *nós vamos* [...] (Naro, 2007, p. 180).

Para Lucchesi (2012), a simplificação da CV em expressões como *nós vai* não possui nenhum paralelo com o PE, uma vez que não se pode postular origem europeia do fenômeno nem se explicar teoricamente na deriva secular, sendo, então, a hipótese de uma TLI mais simples, empiricamente sustentada e teoricamente consistente.

Desse modo, nossos achados ao serem comparados aos das comunidades baianas (Lucchesi, Baxter, Silva, 2009) mostram que o emprego da CV pelos falantes da 1ª faixa etária tende a ser baixa em razão de esses falantes usarem mais a expressão “a gente” no lugar do pronome “nós”. Já na comunidade de Muquém - AL (Santos, 2013), a faixa 1 (15 a 30 anos) mostrou maior emprego das regras de concordância com a marca morfêmica -mos considerando a realização de 0.59 de PR.

Considerações finais

Neste texto procuramos observar o fenômeno da concordância verbal na P4 na comunidade do Distrito de Mazagão Velho, no estado do Amapá. Esse lugar, como já mencionamos, é referência histórico-cultural devido às manifestações locais da cultura dos antepassados da comunidade, que vem se intensificando com o passar dos anos, mantendo viva a memória, principalmente por sua descendência de negros escravizados. Nessa conjuntura, torna-se relevante pesquisar sobre um fenômeno linguístico nessa comunidade, a fim de evidenciar as variedades linguísticas que se manifestam nos falares locais.

É nesse propósito que consideramos importante analisar a realização do fenômeno da CV entre os falantes desse lugar, tendo em vista que, seguindo os

preceitos de Lucchesi (2012, 2015a, 2015b), acreditamos estar no contato linguístico do português com as línguas africanas o que é hoje o português popular brasileiro, sobretudo nas formas irregulares da língua, no caso aqui analisado, o fenômeno da CV.

Na comunidade de Mazagão Velho, os índices apontaram um resultado de 80% de aplicação da regra de CV, referente ao uso da P4. Esse percentual contempla o que entendemos como a atuação de fatores socioculturais esclarecidos por aspectos como o acesso aos meios de comunicação (rádio, TV, computador), ao aumento da escolarização, bem como outros elementos que podem estar agindo como constantes influenciadores desse processo de variação no uso linguístico da comunidade, desencadeados então, por uma mudança de cima para baixo. Nessa abordagem, concordamos com Lucchesi (2015) ao dizer que

Os avanços do processo de nivelamento linguístico de difusão dos modelos da norma culta para o conjunto da sociedade refletirão, assim, os avanços e percalços do desenvolvimento social e da efetiva democratização do país. Nesse sentido, seus efeitos serão primeiramente sentidos entre os segmentos urbanos para se irem espalhando progressivamente para o interior do país, até atingirem as comunidades rurais mais isoladas e socioeconomicamente mais marginalizadas. Nesse continuum, ao tempo em que as formas da norma culta se vão implantando, vão desaparecendo as marcas dos processos de variação e mudança que o contato entre línguas imprimiu na formação histórica dessas variedades linguísticas. E, dentro da dialética aqui proposta entre avaliação subjetiva e comportamento linguístico, a assimilação das formas da norma culta é concomitante ao processo de conscientização do prestígio social atribuído a essas formas (Lucchesi, 2015a, p. 209).

Vale ressaltar que foram obtidos somente 20% para a não aplicação da regra da concordância na comunidade, ratificando Lucchesi (2015a). Destaca-se ainda que dentre os 80% de aplicação da regra, 32% refere-se ao uso de alomorfes (*-mo*, *-emo*, *-omo*, *-umo*), os quais estão cada vez mais presentes na fala popular dos brasileiros, como observado em Lucchesi, Baxter, Silva (2009), Santos (2013), Souza (2021) e Scherre, Yacovenco e Naro (2018).

Outro fator relevante na análise do fenômeno pesquisado é a escolha da forma *a gente* como sujeito discursivo na sentença. A preferência por esse elemento discursivo em detrimento de *nós* mostra que essa regularidade do uso de *a gente* está cada vez mais evidente no português brasileiro e, portanto, entre os mazaganenses. Conjecturamos que esse uso recorrente se dê ao fato de que esse elemento se conjuga em 3PS, o que facilita o seu emprego, ao contrário do uso do pronome *nós* que requer a adequação da forma verbal ao plural *-mos*.

Em relação às variáveis linguísticas, somente o *tempo verbal* mostrou-se favorável à aplicação da regra da CV. Nesse quesito, nossas hipóteses foram confirmadas. Em relação às variáveis sociais, a faixa etária mostrou-se significativa apresentando peso relativo de 0.68 como favorecedora no fator faixa etária 1, o que confirma as nossas hipóteses iniciais. Outra hipótese confirmada foi em relação à escolaridade, confirmando a tendência nacional do padrão do PB de que quanto maior a escolaridade do falante, maior a marcação da regra de concordância. As variáveis sexo e mobilidade social não se mostraram relevantes.

Em razão de os dados entre as células dos grupos de fatores estarem em desequilíbrio, tornou-se inviável, neste momento, o cruzamento de variáveis sociais, pois o quantitativo de registros é maior entre os mais velhos, o que acaba comprometendo a simetria dos resultados entre as variáveis faixa etária (tabela 7), e escolaridade (tabela 6). Assim, acreditamos que o português popular brasileiro, de forma geral, tende a configurar-se de forma semelhante entre as diversas regiões do país, conforme mostrado no aporte teórico deste trabalho e ratificado neste estudo, confirmando o que Lucchesi (2015a) nomeia de Polarização Sociolinguística, a qual apresenta duas vertentes da língua portuguesa brasileira, reiterando que os aspectos sociais atuam de forma contínua e dinâmica no processo de variação e mudança linguística no país.

Nesse prisma, postulamos que da mesma forma que as culturas, as religiões e as raças africanas integram-se à identidade do povo brasileiro, a língua também se inclui nessa formação. Desse modo, este trabalho mostrou-se relevante dada a possibilidade de visualizar o perfil do fenômeno estudado, na comunidade de Mazagão Velho, o qual deve ser estendido para outras comunidades afrodescendentes ou remanescentes quilombolas que existem no estado do Amapá. Assim, entendemos a necessidade de que outros fenômenos também sejam estudados para que novas pesquisas sobre o contato linguístico de línguas africanas com o PB sejam evidenciadas no cenário linguístico amapaense.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do Português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

FIORIN, J. L.; PETTER, M. M. T. (orgs.). África no Brasil: a formação da Língua Portuguesa. In: BONVINI, Emílio. **Línguas africanas e português falado no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2009, p. 15-73.

GERCO/IEPA. Programa Estadual de Gerenciamento Costeiro. Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá. **Carta Imagem da Comunidade de Mazagão Velho**. Macapá, 2022.

IBGE-INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/images/cor_ou_raca>. Acesso em: 20 dez. 2022.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de M. Bagno, M. M. P. Scherre e C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (orgs.). O português Afro-brasileiro. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; SILVA, Jorge Augusto Alves. **A concordância verbal**. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 331-371.

LUCCHESI, Dante. **Projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia**. Salvador: UFBA/CNPQ, 2002. Disponível em: <<http://www.vertentes.ufba.br/>>. Acesso em 22 de fev. 2022.

_____, D. A variação na concordância verbal no português popular da cidade de Salvador. **Estudos linguísticos e literários**. Universidade Federal da Bahia. Salvador, nº 52, ago-dez, 2015, p. 166-204. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/download/15467/10614>>. Acesso em: 18 de março de 2021.

_____, D. **Línguas e sociedade partidas: A polarização sociolinguística do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.

_____, Dante. A diferenciação da língua portuguesa no Brasil e o contato entre línguas. **Estudos de Linguística Galega**. Universidade de Santiago de

Compostela. Espanha, vol. 4, julho, 2012, p. 45-64. Disponível em: <<https://revistas.usc.gal/index.php/elg/article/view/403>>. Acesso em 12 de março de 2021.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. **Ser escravo no Brasil: Séculos XVI-XIX**. Petrópolis: Vozes, 2016.

MATTOS e SILVA, R. V. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MENDONÇA, Renato. **A influência africana no português do Brasil**. Rio de Janeiro: Sauer, 2012 [1933].

MUSSA, Alberto B. N. **O papel das línguas africanas na história do português do Brasil**. 1991. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, Edna dos Santos. **Devoção, tambor e canto: Um estudo etnolinguístico da tradição oral de Mazagão Velho**. São Paulo, 2015. (Tese de Doutorado). Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/>>. Acesso em: 16 fev. 2022.

PETTER, Margarida (2009). O continuum afro-brasileiro do português. In: C. GALVES, H. GARMES & F. R. RIBEIRO (Orgs.). **África-Brasil – caminhos da língua portuguesa**. Campinas: Editora da Unicamp.

_____, M. M. T (org.). Introdução à Linguística Africana. In: PETTER, M. M. T.; CUNHA, Ana Stela. **Línguas africanas no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 221-250.

RÚBIO, Cássio Florêncio. **Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu: estudo sociolinguístico comparativo**. São José do Rio Preto, 2012. (Tese de Doutorado). Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/100100>>. Acesso em: 22 de dez. de 2022.

SANTOS, Dariana Nunes dos Santos. **A concordância verbal na fala de afrodescendentes da comunidade quilombola Muquém, União dos Palmares –AL**. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió). Disponível em:



<<https://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/riufal/1805>>. Acesso em: 20 de jan. 2022.

SCHERRE, M. M. P. Sobre a influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em português. In: OLIVEIRA E SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. P. (Eds.). **Padrões sociolinguísticos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. p. 85-118, 1998.

SCHERRE, M.; YACOVENCO, L.; NARO, A. Nós e a gente no português brasileiro: concordâncias e discordâncias. **Estudos de Linguística Galega**, v. especial 1, p. 13-27, 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/323170591_Nos_e_a_gente_no_portugues_brasileiro_concordancias_e_discordancias>. Acesso em: 20 de jan. 2023.

SOUZA, M. H. M. A concordância verbal com o pronome nós na comunidade quilombola Serre das viúvas/Água Branca –AL. **Uniletras**, Ponta grossa, v. 43, p. 1-13, 2021. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/uniletras/article/view/17810>>. Acesso em: 20 de jan. 2023.

VIDAL, Laurent. **Mazagão, a cidade que atravessou o Atlântico**: do Marrocos à Amazônia (1769-1783). Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins, 2008.

Recebido em 29-01-2024
Aprovado em 20-08-2024